

O EVENTO HISTÓRICO DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA DEVOÇÃO CRISTÃ.

THE HISTORICAL EVENT OF THE RESURRECTION OF JESUS CHRIST AND ITS IMPLICATIONS FOR CHRISTIAN DEVOTION.

*William Rocha Ruela*¹

*Gelci André Colli*²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de mostrar que a doutrina da ressurreição é vital para uma devoção cristã robusta e prática. Justificando-se em oferecer um panorama bíblico para evidenciar a importância que a referida doutrina tem dentro da teologia bíblica e do pensamento de Paulo, oferece contraste com o tratamento secundário que se dá a ela quando se considera o evangelho. Sendo assim, essa pesquisa trata do desenvolvimento da esperança da ressurreição israelita contida no Antigo Testamento, mostrando sua presença, mesmo pouca, bem como sua relação com a esperança mais antiga e basilar centrada no caráter de Deus. Também busca-se compreender a centralidade da ressurreição no Novo Testamento como um todo e, especificamente, em 1 Coríntios 15, onde procura-se esclarecer termos de difícil compreensão usados por Paulo e que são importantes para o entendimento da referida doutrina. Por fim, a pesquisa faz menção da crítica que aponta o problema do “naturalismo escatológico”, oferecendo um contraponto, mas considerando o alerta.

Palavras-Chave: Ressurreição. Devoção. Evangelho. Prática. Paulo.

ABSTRACT

This article aims to show that the doctrine of resurrection is vital for a robust and practical Christian devotion. Justifying itself in offering a biblical overview to highlight the importance that this doctrine has within biblical theology and Paul's thinking, it contrasts with the secondary treatment given to it when considering the gospel. Thus, this research deals with the development of the hope of the

¹Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba-PR. Membro do Grupo de Estudos sobre Pentecostalismo da Faculdade Cristã de Curitiba (FCC).

²Doutor em Teologia (EST-RS), professor na Faculdade Cristã de Curitiba (FCC).



Israelite resurrection contained in the Old Testament, showing its presence, albeit limited, as well as its relationship with the older and more fundamental hope centered on the character of God. It also seeks to understand the centrality of resurrection in the New Testament as a whole and, specifically, in 1 Corinthians 15, where it seeks to clarify difficult terms used by Paul that are important for understanding this doctrine. Finally, the research mentions the criticism that points to the problem of “eschatological naturalism,” offering a counterpoint, but considering the warning.

Keywords: Resurrection. Devotion. Gospel. Practice. Paul.

INTRODUÇÃO

A Teologia Cristã é vasta e profunda. E pode-se dizer com segurança que o âmago de seu conteúdo reside na pessoa e obra de Jesus Cristo, portanto, na Cristologia. E dentro da Cristologia o estudo pode ser dividido em dois: Cristo, sua pessoa e Cristo, sua obra. Dentro daquilo que diz respeito a sua obra encontram-se Morte e Ressurreição. Ora, como consequência da Reforma Protestante no século 16, muito se tem enfatizado a morte de Cristo como fonte de salvação por mais de 5 séculos. É verdade, a Teologia da Cruz é um bálsamo para um mundo perdido e uma resposta desconcertante para o Catolicismo da Idade Média. Todavia, a obra de Cristo não se constitui somente de Cruz. E, embora a doutrina da ressurreição não tenha sido de todo desprezada, ela foi, no mínimo, negligenciada, sendo colocada como um mero “apêndice” da cruz na apresentação do evangelho (KELLER, 2022, p. 22), ou, ainda, apenas como forma de validar o cristianismo por argumentos apologeticos (CULVER, 2012, p. 811).

Obviamente, o movimento a favor da cruz não está equivocado. O que está equivocado é o lugar secundário que a ressurreição ocupa nos estudos e pregações do evangelho. Arelado a uma teologia deficiente se encontra uma devoção deficiente, pois esta não encontra expressão senão a partir daquilo que se crê. Ao analisar o surgimento da Igreja Primitiva, por exemplo, em meio a forte oposição e derramamento de sangue, percebe-se que fê vigorosa e devoção apaixonada daqueles irmãos estava muito relacionada ao evento da ressurreição corpórea de Jesus e o seu significado. Bruce Shelley (2018, p.50) coloca a forte convicção daqueles fiéis no “Acontecimento” (ressurreição do crucificado) como um dos 4



fatores humanos na “difusão extraordinária” da igreja. A temática da Ressurreição será tratada no decorrer desta pesquisa sob a justificativa de que ela tem sido negligenciada na atualidade, privando os cristãos de conhecerem a totalidade da própria fé, conduzindo a uma experiência empobrecida do evangelho. Portanto, o presente estudo buscará esclarecer o que a Bíblia diz sobre tal doutrina, começando primeiro pelo Antigo Testamento, onde tal doutrina aparece de forma apenas embrionária, e então passando pelo que diz o Novo Testamento, onde o foco maior será colocado em 1 Coríntios 15. Por fim, terminará com um importante alerta aos cristãos que considerem o impacto da ressurreição na devoção e prática cristã.

1. PASSAGENS FUNDAMENTAIS

Essas passagens não tratam da ressurreição em si, mas dão sustentação para o surgimento da doutrina.

A passagem modelo é Sl 30.9, onde se diz: “Se eu morrer, se eu descer à cova, que vantagem haverá? Acaso o pó te louvará? Proclamará a tua fidelidade?” (NVI)

John Goldingay sugere em seu comentário que esse Salmo pode ter sido escrito na época em que Davi conquistou a fortaleza de Sião, em Jerusalém (cf. 2 Sm 5.6,7). Nesse momento de glória, afirma Goldingay, ele pode ter dito as palavras do salmo: “Jamais serei abalado!” (v. 6b), e então Deus, em sua graça, pode ter humilhado Davi com uma doença para que seu servo não se exaltasse, levando-o então a clamar as palavras do verso 9, supracitado (CARSON et al., 2009, p. 762,763).

Mas o que essa passagem comunica sobre a ressurreição? Analisando essa e outras passagens (como Sl 6.5; Is 38.18; Ec 9.10), Wright chega à conclusão de que o lugar dos mortos é um “mundo miserável” onde não há honra nenhuma. Portanto, “a morte em si mesma era triste e tingida com o mal (...) ela não era vista como uma libertação feliz, uma fuga da alma de sua prisão corpórea”. Isso indica que a esperança israelita não estava projetada para o que Deus faria após a morte, mas sim antes da morte, durante a vida do fiel. Ela se concentrava “no destino de Israel e sua terra prometida” (WRIGHT, 2020, p.149,152,162). Apontando na mesma direção, Culver afirma que “O seu interesse estava apenas em vida longa, uma idade madura e próspera, e uma próspera e numerosa posteridade” (CULVER, 2012, p. 1346).



Essa ideia pode ser vista também no livro de Jó: “Lembra-te, ó Deus, de que a minha vida não passa de um sopro; meus olhos jamais tornarão a ver a felicidade (Jó 7.7; NVI; cf. Jó 7.9; 14.14). Nesse livro se pressupõe que a morte “é uma via de sentido único” e, portanto, Deus “deve emitir juízo favorável durante essa vida” (WRIGHT, 2020, p. 158-161).

O que importa aqui é que esse “sentimento” a respeito da morte nada mais era que uma consequência lógica “da crença israelita na bondade e no caráter do dom divino da vida neste mundo”. E essa crença, por sua vez, estava centrada no Deus de Israel, o criador do mundo, que era fiel à aliança com Israel (WRIGHT, 2020, p.152,166). Segundo Culver (2012, p. 1349): “Os patriarcas [...] tinham uma expectativa certa de vida com Deus em íntima comunhão com ele”. Ora, se uma vida plena no mundo dos mortos é impensável, e se há uma confiança firme no Deus que é o criador do mundo, então, em face da morte, a única opção seria a ressurreição. Portanto, a ausência de esperança após a morte (que se caracteriza pelo foco na vida presente), se assemelha à esperança da ressurreição no fato de que ambas declaram o valor da “ordem criada presente que será renovada por YHWH” e no fato de que possuem um mesmo “fator constante... [que]...é o próprio deus³ de Israel” (WRIGHT, 2020, p.145,200). Culver coloca nesses termos:

Não há nenhuma afirmação divina da ressurreição no AT (...) O que temos na realidade é: 1) uma série de promessas que, para serem cumpridas de maneira significativa aos santos, requerem a ressurreição na era messiânica; 2) uma percepção santa do Deus vivo e da vida deles nele que levou à expectativa da cura da perda de vida na tragédia da morte (CULVER, 2012, p.1373).

Portanto, até mesmo em passagens que não falam da ressurreição, percebe-se uma “porta aberta” para o surgimento dessa crença. Isso acontece devido ao alto senso de estima que se tem pela boa criação de Deus (conforme Gênesis 1 e 2). No próximo tópico se verá os primeiros

³ Wright escreve “deus” com “d” minúsculo em partes de sua obra pois quer preservar a perspectiva dos autores bíblicos, para os quais a questão era sobre qual, dentre vários outros, é o “deus” verdadeiro. Para uma explicação mais detalhada, consultar: WRIGHT, 2020, p. 25.

indícios textuais (mas ainda enigmáticos) de uma possível volta à vida (ou preservação dela.⁹) pelo poder de Deus expressa no AT.

1.1 Passagens Desenvolvidas

Estas são passagens que derivam, em algum sentido, das analisadas acima. Elas dão um vislumbre de resgate da morte, sem ainda se referir, explicitamente, à ressurreição. Ela se manifesta quando o indivíduo era confrontado pela morte (WRIGHT, 2020, p.167).

A passagem modelo é Sl 16.8-11:

⁸ Sempre tenho o SENHOR diante de mim. Com ele a minha direita, não serei abalado. ⁹ Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto; mesmo o meu corpo repousará tranquilo, ¹⁰ porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição. ¹¹ Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita. (NVI)

A frase no v.10a é crucial: “porque tu não me abandonarás no sepulcro”. Ali, a palavra traduzida por sepulcro é *Sheol*, que, segundo Chad Brand, é o “lugar dos mortos, ou mais especificamente, o lugar para onde vão os mortos injustos” (BRAND, DRAPER, ENGLAND, 2018, p. 1554). A ideia de que o *Sheol* é um lugar para os mortos injustos especificamente não é facilmente sustentada, uma vez que ele é referenciado como destino de Jacó (Gn 37.35), para Wright “não há razões para supor que seus descendentes achassem que ele se encontrava num lugar diferente do *Sheol*” (WRIGHT, 2020, p.150). Mas o ponto aqui é outro.

Embora fique a margem interpretativa se a frase desse verso “se refere à fuga da morte ou ao passar por ela rumo a uma vida no além”, o que subjaz por traz é o fundamento da esperança do salmista, que “é o próprio YHWH”. Aquele a quem o salmista se refere “como seu soberano (v.2), sua porção e seu cálice (v.5), aquele que lhe dá conselhos nos lugares secretos de seu coração (v.7).” (WRIGHT, 2020, 168). Ainda para Wright, essa passagem poderia muito bem ser lida no judaísmo pós-bíblico como se referindo a um resgate estendido por Deus ao fiel após a morte (WRIGHT, 2020, p.170).

Salmo 73.23-26 também é importante:



²³ Contudo, sempre estou contigo; tomas a minha mão direita e me susténs. ²⁴ Tu me diriges com o teu conselho, e depois me receberás com honras. ²⁵ A quem tenho nos céus senão a ti? E na terra, nada mais desejo além de estar junto a ti. ²⁶ O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar, mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre. (NVI)

Seguindo a análise de Wright, esse salmo é uma clássica lamentação bíblica a respeito das injustiças da vida. O salmista primeiro nota a inevitável condenação dos iníquos (v.18-20). Mas não para por aí, pois, conforme Wright: “O próprio salmista descobre que está seguro por um amor que não o deixa seguir, por um poder que nem a morte e a dissolução do corpo podem derrotar...” (WRIGHT, 2020, p.171).

Este salmo, mais do que o anterior, deixa um

...vislumbre sedutor de uma vida além do sepulcro, [...] uma vida na qual aqueles que conheceram o amor de Deus no presente descobrirão que este amor é mais forte que a própria morte e os “receberá” para um status de honra ou glória. (WRIGHT, 2020, p. 171,172; grifo do autor).

Aqui parece haver a indicação de que essa crença se estende para o lugar dos mortos. Entretanto, essa ideia de que a fidelidade e amor divino se estendem ao *sheol*, embora seja um belíssimo vislumbre de uma esperança mais madura, ainda não é a ressurreição explícita, esta que será tratada a seguir.

1.2 Passagens Chave

A passagem modelo é Dn 12.2,3:

Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno. Aqueles que são sábios reluzirão como o fulgor do céu, e aqueles que conduzem muitos à justiça serão como as estrelas, para todo o sempre. (NVI)



Entre os textos que Paulo se fundamentava para falar da ressurreição, essa passagem certamente emerge como uma das principais. Ela é “a mais clara” sobre a questão. Para começar, a expressão “dormir no pó” significa estar morto. É o que diversas passagens bíblicas indicam, por exemplo: Gn 3.19; 2Rs 4.31; Jó 3.13; Sl 13.3; Ec 3.20; Is 26.19; Jr 51.39. Da mesma forma, “acordarão” é a continuação da metáfora que quer dizer “ressuscitarão” (WRIGHT, 2020, 174-176).

Mas o que quer dizer “reluzirão...como as estrelas”? Segundo Wright, essa é uma linguagem simbólica, e não literal, e quer dizer que “os sábios...serão líderes e governadores na nova criação de Deus”. Na Bíblia essas imagens podem ser empregadas à reis, por exemplo: Nm 24.17. Portanto, a ideia é que “os sábios...serão colocados como autoridade sobre mundo”. Essa passagem também indica que a ressurreição não é simplesmente um retorno a uma vida idêntica à anterior, mas um retorno em glória, “para o qual o melhor paralelo [...] é a condição das estrelas [...] dentro da ordem criada” (WRIGHT, 2020, p. 180).

Esse é o único texto do AT onde a ressurreição pode ser interpretada no sentido literal sem muitas complicações (WRIGHT, 2020, p.175). Aquelas onde se pode ver um sentido mais metafórico são: Is 26.19; Os 13.14; Ez 37.1-14. Todavia, Wright entende que a esperança nacional e a esperança pessoal se entrelaçam tão intimamente que a distinção que se tenta fazer se um texto fala da ressurreição como metáfora (restauração nacional) ou literal (ressurreição do indivíduo) é equivocada. É equivocada porque “a ressurreição do povo de Deus [...] é a forma que a restauração da nação toma” (WRIGHT, 2020, p. 185,192). Portanto, uma coisa não anula a outra.

1.3 Conclusão sobre a ressurreição no Antigo Testamento

A partir dessa breve análise de textos do AT se pôde perceber que, embora a crença na ressurreição não seja explícita em cada capítulo, ela está “inserida” na crença do amor e fidelidade de Deus, em seu poder criador e redentor. E essa crença, profundamente arraigada no caráter de Deus, permeia todo o AT. Deus cria toda a beleza e complexidade do cosmos a partir do caos, Deus chama pessoas totalmente desprovidas do necessário para aquilo para o qual foram chamadas. Abraão é velho e sua esposa estéril, e é ele quem será o pai de uma descendência como a arcaia



da praia (THIESSSEN, 2023, p. 136). Davi é o caçula pastor de ovelhas e servo de seus irmãos, é também o jovem guerreiro perseguido pelo invejoso rei Saul, rodeado de homens em crise na caverna de Adulão, todavia, esse é o homem escolhido por Deus, homem segundo o seu coração, ungido para reger o povo eleito. Esses são só dois exemplos (Cf. KELLER, 2022, p.103-109).

Essa ideia se estende ao NT, onde Paulo, o apóstolo do Senhor, que recebeu revelações do terceiro céu que ao homem não é lícito falar (2Co 12.4), esse homem é o mais indigno de todos os apóstolos por ter perseguido a igreja (1Co 15.9). Esse é o homem atormentado por um espinho na carne; esse homem é aquele que parou de orar por força, pois a ele foi dito que "...a minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12.7,9; ARC). Portanto, se percebe que no AT, tal como no NT, não é apesar da fraqueza que Deus trabalha em favor de seu plano eterno para o bem de seu povo, mas é através da fraqueza que ele o faz (KELLER, 2022, p.101,102, 105).

E é isso que a Ressurreição comunica no AT: ela comunica o poder de Deus vencendo no final. A devoção cristã é marcada pela crença de que Deus opera através da fraqueza e vergonha humana em prol do seu plano. É no Novo Testamento que tudo isso é descortinando, onde a maneira de Deus ter trabalhado no Antigo é exposta de maneira extravagante na cruz e ressurreição de Jesus..

2. RESSURREIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

2.1 O Lugar da Ressurreição

A principal passagem do Novo Testamento sobre a doutrina da ressurreição é 1 Co 15 (WRIGHT, 2020). Portanto, é sobre ela que se dedica a presente seção.

Mas, antes, é preciso dizer que a ressurreição constitui um elemento fundamental para todo o Novo Testamento. Apenas para exemplificar, um terço dos evangelhos sinóticos e metade de João se voltam para a morte de Jesus e “eventos imediatamente antes e depois” (CULVER, 2012, p. 618). Indo além, a ressurreição é “o coração do evangelho” (WRIGHT, 2020, p. 383). Embora seja costumaz centralizar o evangelho na cruz, esta, por si só, não é todo o evangelho. O evangelho completo é a morte e a ressurreição de Jesus, o Messias, que expia o

pecado e traz a nova criação (KELLER, 2022, p.120, apud GATHERCOLE, 2006, p.138-154). Portanto, para se entender o evangelho, morte e ressurreição de Jesus não podem ser separados. Como bem coloca Brian Zahnd, em seu livro sobre a cruz (2024, p.282, tradução nossa): “Quando falamos da crucificação de Jesus Cristo é sempre sob a luz da ressurreição. É a luz que brilha do sepulcro vazio que ilumina a cruz para que possamos compreendê-la corretamente”⁴.

Além de a ressurreição ser um elemento fundamental do NT, ela tem uma posição importantíssima dentro da narrativa bíblica. “Narrativa” é “a exposição [...] de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados” (Oxford Languages and Google ⁵). Segundo Bartholomew e Goheen (2017), a narrativa bíblica é composta por 6 “atos” (acontecimentos): Criação, Pecado, Israel, Jesus, Missão e Nova Criação; nessa narrativa, o que iniciou com criação há de terminar com a nova criação; e esta nova criação se dá na ressurreição de Jesus. Ainda para os autores:

Não conseguiremos compreender o significado da história de Jesus enquanto não começarmos a ver que ela é na verdade o evento culminante da grande história da bíblia [...] Ele a havia criado e [...] Agora iria redimi-la [...] Em Jesus Cristo, essa renovação e restauração é revelada em sua forma final como o reino de Deus (BARTHOLOMEW, GOHEEN, 2017, p.153).

Sendo assim, observa-se que a ressurreição de Jesus não foi apenas um milagre isolado ocorrido com alguém, mas o clímax da história bíblica.

A narrativa bíblica também pode ser resumida em uma palavra: “Redenção”. Assim, ela é a história do ato salvador de Deus em favor da criação corrompida. Nesse sentido, Hamilton (2016, p.33) diz que “toda a história da Bíblia depende da morte e ressurreição de Jesus para realizar a redenção, e ela culminará na volta de Jesus em juízo para consumir o

⁴ Texto original: “When we speak of the crucifixion of Jesus Christ it is always in light of the resurrection. It is the light shining from the empty tomb that illuminates the cross so that we can understand it correctly.”

Acesso em 13/05/24, disponível em: kindle para pc.

⁵ Disponível em: <https://www.google.com/search?q=narrativa+dicionario>; Acesso em: 10/06/2024.



seu reino”. Seja em 6 atos ou em 1 palavra, a narrativa bíblica depende da ressurreição (e morte) de Jesus como seu ponto decisivo. Mas por que, exatamente? Bird (2022, p.89) afirma: “[...] Jesus veio e não apenas trouxe consigo os verdadeiros propósitos de Deus para o nosso mundo, mas também inaugurou este novo mundo, o reino de Deus[...]”. E a forma como esse *novo* mundo são “inaugurados” é através da ressurreição de Jesus, que, conforme diz o apóstolo Paulo, é a “primícias dentre aqueles que dormiram” (1Co 15.20, NVI).

A análise que se segue restringiu-se à 1 Co 15 porque, primeiro, os escritos paulinos são os mais primitivos de todo o NT (WRIGHT, 2020, cf. CARSON; MOO; MORRIS, 1997). Segundo, a nenhum outro tema Paulo dedicou tantas palavras como o fez com a ressurreição em 1 Co 15 (WRIGHT, 2020).

2.2 Análise de 1 Coríntios 15

2.2.1 Visão geral e contexto

Olhando o capítulo de forma geral, nota-se um equilíbrio na disposição das ideias e palavras de Paulo. Essa “simetria” indica que Paulo tinha o argumento bem-organizado na sua mente e, portanto, não se tratava de nenhuma aleatoriedade (WRIGHT, 2020, p.398). A disposição das ideias parece formar um quiasmo de 5 partes com equilíbrio perceptível no número de palavras entre cada uma delas.

Quadro 1 – O equilíbrio de palavras no quiasmo de 1 Co 15.

Posição	A	B	C	B'	A'
Assunto	O Evangelho de Paulo	A questão e sua resposta básica	Interlúdio prático	Que tipo de corpo?	O mistério revelado
Versículos	v. 1-11	v. 12-28	v. 29-34	v. 35-49	v. 50-58
N.o de palavras	161 palavras	246 palavras	81 palavras	214 palavras	148 palavras

Fonte: WRIGHT, 2020.

Os crentes em Corinto estavam deixando-se levar pelas filosofias e práticas pagãs e esquecendo-se que, no evangelho que Paulo lhes havia pregado, algo totalmente novo havia começado, e agora era preciso viver tendo esse evento como base para tudo na vida (WRIGHT, 2020).

“Passear”, por assim dizer, pelas páginas de 1 Coríntios é como passear “numa rua lotada [onde] tudo sobre a vida humana está lá:

disputas e processos, sexo e compras, ricos e pobres, adoração e trabalho, sabedoria e tolice, política e religião” (WRIGHT, 2020, p. 399). Portanto esta é uma carta importantíssima, pois descreve, “em termos práticos, a natureza da vida e testemunho cristãos” (CARSON, MOO, MORRIS, 1997, p. 318). 1 Coríntios tem tudo a ver com aquilo que hoje se denomina (erroneamente) “vida secular”. Ademais, a ressurreição tratada em 1 Co 15 não é mais um assunto da qual Paulo precisa tratar, mas é, antes, o grande assunto por traz de todos os problemas que foram tratados previamente (WRIGHT, 2020, p. 398). De fato, quando Deus traz redenção para a criação essa é uma redenção realmente para a criação e não para a “alma” imaterial humana (o obvio precisa ser dito). Cada parte da vida é importante porque foi criada por Deus e, por isso, foi por ela que Cristo morreu e ressuscitou. Na verdade, se redenção fosse sobre ir para o céu ao morrer, não haveria redenção de fato, mas apenas uma reformulação do que seria morrer (WRIGHT, 2009). Ora, se o que foi corrompido em Gn 3 foi a Criação, a redenção, por sua vez, só pode dizer respeito aquela Criação. Nas palavras de Wright: “Como a ressurreição foi um evento que ocorreu dentro do nosso próprio mundo, suas implicações e efeitos são sentidos dentro dele” (WRIGHT, 2009, p. 207, grifo do autor). Portanto, tal como a ressurreição é crucial na narrativa bíblica, ela também o é (ou deveria ser) na vida do cristão bíblico.

2.2.2 O evangelho pregado por Paulo (1 Co 15.1-11)

O apóstolo inicia: “Irmãos, quero lembrar-lhes o evangelho que lhes preguei, o qual vocês receberam e no qual estão firmes” (1 Co 15.1; NVI).

Paulo começa fazendo referência à procedência (v.5-8) do evangelho por ele pregado: O Jesus ressurreto apareceu a Pedro e aos doze (v.5), depois a mais de quinhentas pessoas (v.6), então a Tiago e aos demais apóstolos (v.7) e, por fim, ao próprio Paulo (v.8). Fica claro que o evangelho não tem origem em experiências espirituais particulares, mas sim em fatos ocorridos e atestados por diferentes pessoas. Portanto, o evangelho de Paulo não se trata de uma “extraordinária ‘experiência cristã’, com visões [...] ‘espirituais’ da presença de Jesus” (WRIGHT, 2020, p. 449). A hipótese de ter ocorrido uma “alucinação coletiva” pode ser “seguramente eliminada”, uma vez que este “é um fenômeno praticamente sem paralelo na história” (KENNER, 2017, p. 587). Ademais, por ser um evento que ocorreu literalmente, “a morte e



ressurreição de Cristo esclarece a relação do evangelho com a história, tempo e espaço” (GATHERCOLE, 2006, p. 147, tradução nossa⁶). Sendo um evento ocorrido dentro da “dimensão física” a ressurreição tem repercussões nessa dimensão, afinal, ela ocorreu nela. E mais, a ressurreição é razoável, no sentido de que, sendo algo interno à ordem criada, é acessível à razão. Isto aponta ao fato de que a fé e devoção cristã não requerem a suspensão da razão, antes, usam dela.

2.2.3 A resposta básica de Paulo (1 Co 15.12-28)

“Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou” (1 Co 15.13; NVI), responde o apóstolo àqueles que estavam negando a ressurreição (v.12).

Usando de um artifício comum de oradores de sua época, que é o de reduzir ao absurdo a posição do oponente, Paulo mostra o absurdo daquilo que é proposto pelos seus adversários (KEENER, 2017, p.587). O “debate” se desenvolve assim: os coríntios estão negando que uma ressurreição geral exista; então Paulo (a) os lembra da incontestável ressurreição de Jesus ocorrida há poucas décadas; (b) leva a posição dos coríntios à sua conclusão lógica, isto é, se não há ressurreição geral, então a ressurreição de Jesus não pode ter acontecido e, por fim, conclui: (c) sem ressurreição de Jesus não há razão nem para a pregação apostólica, nem para a fé. (cf. v. 13,14; NVI). Basicamente, o apóstolo mostra que eles “estão serrando o galho sobre o qual estão pendurados” (WRIGHT, 2020, p. 467). Em outras palavras, negar a ressurreição torna o evangelho inútil. Mas por quê? Ora, “se Deus venceu a morte na ressurreição de Jesus, então o poder do pecado foi destruído; contudo, se não o fez, o poder [do pecado] não foi destruído.” (WRIGHT, 2020, p.468). Na teologia bíblica, o pecado está relacionado a morte, e a santidade à vida (THIESSEN, 2023). Se a expiação da cruz foi efetiva, a ressurreição precisa acontecer.

2.2.4 Três questionamentos de Paulo (1 Co 15.29-34)

⁶ Disponível em: <https://media.thegospelcoalition.org/static-blogs/justin-taylor/files/2012/05/Gathercole-GODS-POWER-TO- SAVE-p138-154.pdf>; Acesso em: 23/05/2024; Texto original: “the death and resurrection of Christ clarifies the relation of the gospel to history, time and space.”)

O apóstolo continua desafiando a posição de seus oponentes: “Se não há ressurreição, que farão aqueles que se batizam pelos mortos?” (v.29a; NVI).

O significado deste batismo é debatido. A tradição afirma que ele era feito por cristãos em favor de outros fiéis que morriam sem terem sido batizados, objetivando, assim, completar a “inacabada iniciação sacramental dos mortos”. (WRIGHT apud FEE, 2020, p.476). O ponto é: estes se batizam por causa da ressurreição, sem a qual, se tornaria inútil essa prática.

“Também nós, por que estamos nos expondo a perigos o tempo todo?” (v.30; NVI). A ideia que subjaz é a mesma: se não há ressurreição no futuro, qual a vantagem de arriscar a vida no presente? Aqui percebe-se a forte influência que a esperança futura exerce no presente de forma bem prática (WRIGHT, 2020, p. 477). Há um elo entre esperança futura e experiência presente.

“Se os mortos não ressuscitam, ‘comamos e bebamos, porque amanhã morreremos’” (v.32b; NVI). O ponto aqui é: “a ressurreição é o fundamento último do esforço moral cristão” (WRIGHT apud FEE, 2020, p.477). “Para que se abster?” brada Paulo, ironicamente, “se não há ressurreição, então é bom que aproveitemos agora”. De fato, há uma esperança que mantém os crentes firmes em seu caminho (Cf. Rm 8.18; Cl 3.4; Hb 12.2,3).

2.2.5 A resposta complexa de Paulo (1 Co 15.35-49)

Certas palavras que Paulo usa neste trecho podem ser mal compreendidas e necessitam de esclarecimento. A razão desta dificuldade é devida ao fato de leitores contemporâneos levarem seus próprios pressupostos para a leitura da Bíblia, pressupostos estes, geralmente, ligados a uma visão platônica (WRIGHT, 2009).

Paulo diz: “...alguém pode perguntar: ‘Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo virão?’ Insensato! O que você semeia não nasce a não ser que morra.” (1 Co 15.35,36; NVI)

Neste trecho o apóstolo dá sua explicação quanto às duas questões principais: o “como”, isto é, mediante que poder se poderia dar a ressurreição (primeira pergunta); e o “que”, isto é, de que tipo será o corpo da ressurreição. (segunda pergunta; WRIGHT, 2020). Paulo usa a imagem da agricultura, e o ponto que ele quer fazer fica explícito do verso 38, onde diz: “Mas Deus lhe dá um corpo, como determinou, e a cada

semente dá seu corpo apropriado” (1 Co 15.38; NVI; grifo nosso). Nota-se, portanto, que o ponto de Paulo com essa analogia não é que “o corpo ressuscitado se desenvolva a partir do corpo presente”, antes, “seu ponto é que o poder do criador ‘dá vida’ à semente que ‘morreu’” (WRIGHT, 2020, p. 483). Essa interpretação é corroborada pelo verbo “nascer” (v.36), que, no original, é passivo e indica ação divina (WRIGHT, 2020, p. 483). A ideia, portanto, é que Deus usará de seu poder para conceder um novo corpo, e essa não é (evidentemente) algo proveniente da capacidade humana. É, antes, um dom de Deus. Conforme afirma Wright: “Paulo deseja enfatizar que a ressurreição é uma obra da graça” (WRIGHT, 2020, p. 483).

Paulo segue: “Nem toda carne é a mesma [...] Há corpos celestes e há também corpos terrestres, mas o esplendor dos corpos celestes é um, e o dos corpos terrestres é outro.” (1 Co 15.39,40; NVI).

Neste ponto o apóstolo traça uma analogia onde seu propósito é mostrar que existem “tipos diferentes de fisicalidade, cada uma delas com suas próprias características” (WRIGHT, 2020, p.484). Logo, quando Paulo fala de corpos “terrestres” e “celestes” ele não está falando da composição destes corpos, isto é, ele não quer dizer que corpos ressurretos serão “celestes” no sentido de conter algum brilho. Na verdade, doxa (grego, traduzido por “glória”) tem mais a ver com honra do que com brilho (WRIGHT, 2020, p. 485). Essa ideia é provada pelos versos seguintes onde “glória” é contrastada não com escuridão, mas sim com desonra (v.43; NVI). Ademais, para falar de “corpos terrestres” Paulo usa o termo grego “epigeios” que diz respeito a localização e não composição de um corpo (WRIGHT, 2020). O ponto de Paulo, portanto, é que o corpo da ressurreição será um corpo com características próprias. É importante lembrar: esse trecho se trata de uma analogia e não de uma análise, Paulo traça as diferenças dos corpos terrestres (animais, aves, peixes; cf. v.39) e celestes (sol, lua e estrelas; cf v.41) para, a partir daí, esclarecer a diferença do corpo humano atual do corpo humano da ressurreição. É isto que vem a seguir:

Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. (1 Co 15.42,43; NVI)



Paulo faz quatro contrastes, eles são: perecível e imperecível; desonra e glória; fraqueza e poder; natural e espiritual. Eles explicam a natureza (incorrupível, gloriosa, poderosa) do corpo ressurreto e o meio (“espiritual”) pelo qual ele subsiste (WRIGHT, 2020).

Os Coríntios questionavam: “Quem seria louco de querer voltar a uma existência corpórea? Será que Paulo não vê como a fisicalidade é frágil?”. Ora, a isso Paulo responde dizendo que Deus concede um corpo novo e que, portanto, este corpo concedido será imperecível, glorioso (ideia de honra) e poderoso. Quanto ao corpo “natural” ressuscitar “espiritual”, tal fato precisa ser explicado em mais detalhes.

Primeiro, “corpo natural” e “corpo espiritual” traduzem, respectivamente, o grego soma *psychikon* e soma *pneumatikon* (WRIGHT, 2020). A versão NTLH traduz cada um, respectivamente (e erroneamente), como corpo “material” e “espiritual”. Ela se assemelha a tradução de língua inglesa “NRSV” que segue a mesma ideia (WRIGHT, 2020). Essa tradução é errada pois pode levar o leitor a pensar que Paulo está dizendo que o corpo da ressurreição é um “corpo” não material. Mas não é isso que está em discussão. Corpo natural (soma *psychikon*) não diz respeito a fisicalidade, mas sim ao princípio animador do corpo, que neste caso é a “*psyche*”, a “alma”. Corpo espiritual (soma *pneumatikon*) seria o corpo agora animado pelo Espírito Santo (grego *pneuma*) (WRIGHT, 2020, p. 492). O contraste, portanto, não se refere a composição do corpo, mas sim àquilo que “energiza” o corpo, noutras palavras, àquilo pelo qual o corpo vive, sua força motriz.

Este uso pode ser notado anteriormente na carta. No capítulo 2 (v.14,15) o apóstolo diz que “a pessoa *psychikos* [natural] não recebe as coisas do espírito, [...] enquanto a pessoa *pneumatikos* [espiritual] discerne todas as coisas.” (WRIGHT, 2020, p. 490). De fato, verter *psychikos* como “físico” e *pneumatikos* como “espiritual” não faria o menor sentido nessa passagem pois Paulo não está tratando da composição da pessoa (se física ou não), mas do ponto a partir do qual ela interpreta as coisas, a mente (WRIGHT, 2020). No capítulo 12 Paulo também usa o termo para falar dos “dons espirituais” (*pneumatika*), dons estes que “envolvem a operação do Espírito precisamente em aspectos da fisicalidade da pessoa” (WRIGHT, 2020, p. 491).

Logo, entende-se que o quarto contraste de Paulo (corpo natural e corpo espiritual) diz respeito ao fato de que o corpo da ressurreição não



terá o mesmo princípio animador de Adão (e de todos os humanos a partir dele), e sim o de Cristo, o segundo Adão, que é “espírito vivificante” (1 Co 15.45) (WRIGHT, 2020, p. 492). Neste verso (v.45) Paulo faz uma citação de Gn 2.7, revelando o que pensava no decorrer da sua argumentação, isto é, a Criação. De fato, Paulo está falando de um novo ato criador de Deus, de uma nova criação que tem no centro uma nova humanidade (WRIGHT, 2020). Agora, “Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial” (1 Co 15.49; NVI)

2.2.6 A conclusão de Paulo (1 Co 15.50-58)

De forma desafiadora, o apóstolo conclui sua extensa exposição sobre a doutrina com as seguintes palavras: “Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil” (1 Co 15.58; NVI).

Quão interessante é o fato de que, ao final de uma exposição sobre o que é o evangelho, o apóstolo inste para que seus amados continuem firmes na obra do Senhor pelo fato de que a ressurreição garante que ela não será inútil. A esperança da ressurreição deve conduzir a uma obra mais diligente no presente.

2.3 Conclusão sobre a ressurreição no Novo Testamento

Conclui-se, portanto, que a ressurreição, de acordo com 1 Co 15, diz respeito a um evento histórico que ocorreu no “espaço humano”, por assim dizer, e não em uma esfera subjetiva da consciência ou em um outro mundo não-físico. Sendo a ressurreição um evento perceptível e mensurável pela razão, ela aponta para o fato de que o evangelho não é infundado e ilógico. A fé cristã está arraigada em um fato histórico. Portanto, essa fé não é algo puramente místico, o que faria dela algo distante da razão, do tato e do senso. Pelo contrário, ela é mensurável e razoável. E, embora seja superracional, não é irracional (MADUREIRA, 2017). É essa fé que conduz o crente a uma experiência mais viva de serviço ao seu Senhor no presente. Ela mostra que as obras realizadas na vida antes da morte irão repercutir na vida que surgirá da ressurreição. Embora a imperfeição, a incompletude e a feiura possam marcar as obras (e o corpo) dos cristãos atualmente, há esperança de que,



pelo poder de Deus, tais obras (e o corpo que as realiza) serão transformadas no dia da volta de Jesus, onde tudo será renovado. Tal esperança concede o fôlego que só ela pode conceder no labor cristão (seja no ministério ou fora dele) justamente pelo fato de contar com o poder gracioso e transformador de Deus. Afinal de contas, “no Senhor”, diz Paulo, “o trabalho de vocês não será inútil” (1 Co 15.58b; NVI).

Percebe-se que o evangelho não permite ao cristão uma postura escapista que negligencia o trabalho no período desta vida, antes, ele o impulsiona para o serviço ao Senhor, seja em qual área for, logo,

o que fazemos no presente, seja pintando, pregando, cantando, costurando, orando, ensinando, construindo hospitais, cavando poços, fazendo campanhas em prol da justiça, escrevendo poemas, cuidando dos necessitados, amando o próximo como a nós mesmos, permanecerá no futuro de Deus [...] Todas elas se inserem no que podemos chamar de construção do reino de Deus. (WRIGHT, 2009, p.209; grifo do autor)

Comentando sobre a missão da igreja, Wright afirma que tal coisa “não se trata de um trabalho ‘adicional’, ou um acréscimo à missão da igreja, mas de uma tarefa fundamental” (WRIGHT, 2009, p.280). Como bem coloca Moltmann, “a esperança cristã não conduz as pessoas exatamente da terra para o céu, mas para o reino de Deus, que vem a este mundo” (MOLTMANN, 2007, p. 197). De fato, o evangelho não leva os cristãos a abandonarem a terra para se dirigirem rumo ao céu, mas os dá o coração e a mente do segundo Adão (Jesus), que veio do céu para a terra para viverem uma vida segundo o Espírito.

3. CRÍTICA AO “NATURALISMO ESCATOLÓGICO”

Essa projeção das ações cristãs para a vida presente – a dita “vida terrena”, que são advindas da ressurreição de Cristo pode suscitar ao menos um questionamento que, não sendo apenas legítimo, é muito importante. Michael Allen verbaliza a questão nos seguintes termos (em uma afirmativa): “a virada para o corporificado, político e terreno tende a eclipsar o céu”. A questão seria a seguinte: Se a doutrina da ressurreição significa, dentre outras coisas, que a devoção e vida cristã devem ser marcadas por um serviço mais diligente e uma fé mais prática no mundo,



isso não levaria os cristãos a se esquecerem do céu e da face de Deus? Isso não levaria a um “naturalismo escatológico”, conforme julga Allen? (ALLEN, 2022, p.13,16)

Para o autor, “naturalismo escatológico” seria uma deformação daquilo que os reformadores e posteriormente os kuyperianos buscaram: “a glória do ordinário”. “Abraham Kuyper declarou [...] que não há um centímetro quadrado nesta terra sobre o qual Jesus Cristo não diga ‘Meu!’” (ALLEN, 2022, p.13,35). Entretanto, apesar de concordar com tal afirmação, Allen diz que ela chegou a um ponto extremo de forma que N.T. Wright, influenciado pela herança reformada, desenvolveu uma teologia da esperança deveras “naturalista ou materialista” que diverge daquilo que a Bíblia afirma claramente, a saber, que “o céu e o reino espiritual são da mais alta importância” (ALLEN, 2022, p.16,17). Então, no decorrer de seu livro, o autor busca argumentar que é a esperança do céu e uma “mentalidade celestial” que devem levar o crente a um amor ativo e uma fé prática. A ideia é que “bençãos futuras estimulam o comportamento atual” (ALLEN, 2022, p.19, grifo nosso). A crítica de Allen como um todo é extremamente proveitosa para que, fugindo da espiritualização⁷ de um lado, o crente não caia no materialismo do outro.

A crítica mais dura de Allen à interpretação de Wright (que é base para essa pesquisa) se encontra na alegação de que ele se preocupa mais com a cidade do Rei do que com o próprio Rei, nas palavras do autor, esse naturalismo escatológico “concentra-se [...] na Nova Jerusalém ao invés de concentrar-se em seu principal ocupante, esquecendo-se que a melhor notícia [...] não é a novidade, mas a proximidade [com Deus]” (ALLEN, 2022, p 53). Entretanto, a argumentação de Wright tem esse “teor” – como julga Allen, “naturalista”, não porque se despreza a “escatologia da presença”, mas porque sua intenção é contrapor aquilo que ele julga ser o vício Ocidental: o platonismo. Diante do problema que ele se coloca para responder, é normal que se enfatize o aspecto que no platonismo é negligenciado, isto é, a valorização da vida terrena. Em outras palavras, o fato de se focalizar a ressurreição e a devoção prática não implica, por conseguinte, desprezar a visão do divino que transcende a criação. Na verdade, ela está contida ali. Além do mais, Wright fundamenta sua interpretação da esperança cristã na teologia bíblica e em estudos históricos do judaísmo antigo e cristianismo primitivo, coisa

⁷ Entendida aqui conforme nos moldes do platonismo, que é combatida nas obras de N.T. Wright.

que Allen não procura trabalhar em sua obra. Uma outra crítica de Allen é quanto ao perigo da idolatria. Ele diz que o “naturalismo escatológico”, que induz a “uma inclinação para a elevação do terreno, corporificado e material como algo de significado último” propicia a idolatria. (ALLEN, 2022, p. 141). Entretanto, Wright aborda essa questão dizendo que “Sim, reivindicações territoriais podem se tornar idólatras e abusivas, [...] No entanto, a resposta ao abuso não está no dualismo, mas no uso apropriado” (WRIGHT, 2009, p.274). Portanto, o perigo da idolatria, que é um erro terrível e real, não pode ser afastado com outro erro, a saber, o do dualismo, sustentado pelo platonismo.

Allen expressa a sua preocupação, quando, ao falar de sua própria luta contra uma enfermidade física, diz: “Descobri que enquanto procuro a cura [...] mesmo aquele bem almejado não é meu Deus. Colocar minha mente nas coisas terrenas, mesmo quando dadas por Deus, seria terminar em destruição”, e também diz: “descobri que a beleza de Cristo, ‘meu amado’, era muito mais interessante, gloriosa e inspiradora do que até mesmo a promessa de bens terrenos” (ALLEN, 2022, p.183). Essa fala sintetiza o que ele esboça em termos teológicos no decorrer de seu livro, e apesar de se entender que lhe falta precisão na crítica a Wright, sua preocupação é válida. Tal crítica serve de alerta e alento a todos os cristãos que sejam impactados pelo significado da ressurreição. De fato, no decorrer do labor e serviço cristão, os olhos devem ser mantidos sempre fixos em Jesus, o amado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi ressaltar a importância que a doutrina da ressurreição tem para a fé e devoção cristã, buscando mostrar que essa fé não é meramente “espiritual”. Para tal, procurou-se mostrar a posição que tal doutrina tem na Bíblia. Partindo do AT, ficou evidente que, embora a esperança da ressurreição fosse rara, quase inexistente, ela se encontrava “embutida”, por assim dizer, na esperança que Israel tinha em Deus. Ao chegar no NT, o estudo se concentrou nas palavras de Paulo em 1 Coríntios 15, onde o apóstolo discorre sobre aquilo que ele entende ser o evangelho, nessa parte ficou evidente que a ressurreição de Cristo (a) foi um evento físico e real, não meramente “espiritual”; (b) ela constituía o alicerce do evangelho de Paulo e (c) a base para um serviço mais diligente ao Senhor. Por fim, considerou-se o perigo de cair no erro



de, ao se considerar o serviço para o qual a ressurreição “chama” os cristãos, tais cristãos venham a se esquecer que a maior benção é sua presença hoje, na pessoa do Espírito, bem como será a presença do próprio Cristo nos novos céus e nova terra.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Michael. **A Esperança Do Céu**. São Paulo: Editora Fiel, 2022.

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O Drama Das Escrituras**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BIRD, Michael F. **Toda A Escritura E...** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

BRAND, Chad; DRAPER, Charles; ENGLAND, Archie. **Dicionário Bíblico Ilustrado Vida**. São Paulo: Editora Vida, 2018.

CARSON, D.A.; FRANCE, R.T.; MOTYER, J.A.; WENHAM, G.J. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D.A.; MOO, Douglas J; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CULVER, Robert D. **Teologia Sistemática Bíblica e Histórica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

GATHERCOLE, Simon. **The Gospel Of Paul And The Gospel Of The Kingdom**. In: The Gospel Coalition, março, 2006. Disponível em: <https://media.thegospelcoalition.org/static-blogs/justin-taylor/files/2012/05/Gathercole-GODS-POWER-TO-SAVE-p138-154.pdf>; Acesso em: 23, maio, 2024.

HAMILTON, James M. **O Que E Teologia Bíblica**. São Paulo: Editora Fiel, 2016.



KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural Da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KELLER, Timothy. **Esperança em Tempos de Medo**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MOLTMANN, Jurgen. **No Fim, O Início**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

OXFORD LANGUAGES AND GOOGLE. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=narrativa+dicionario>; Acesso em: 10/06/2024.

SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

THIESSEN, Matthew. **A Jewish Paul**. Michigan: Baker Academic, 2023.

WRIGHT, Nicholas T. **A Ressurreição do Filho de Deus**. São Paulo: Paulus, 2020.

WRIGHT, Nicholas T. **Surpreendido Pela Esperança**. Minas Gerais: Ultimato, 2009.

ZAHND, Brian. **The Wood Between The Worlds**. Illinois: InterVarsity Press, 2024.

